



Torreão 15 anos de trabalho

Elida Tessler e Jailton Moreira

A Torre é uma nota para os grandes sonhos.

A Poética do Espaço, Gaston Bachelard.

Esta entrevista celebra os 15 anos de trabalho do Torreão – espaço de intervenções e pesquisas artísticas no ateliê de Elida Tessler e Jailton Moreira, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A convite de Sheila Cabo, editora da *Concinnitas*, Roberto Conduru, Luiza Interlenghi, Ricardo Basbaum e eu começamos uma conversa por *e-mail* finalizada em um encontro de trabalho na UERJ, com a equipe do Instituto de Artes, e também em mesa-redonda realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em outubro de 2008, eventos que contaram com o apoio da Faperj. (Malu Fatorelli)

Comemoramos o “aniversário carioca” do Torreão fazendo reverberarem conversas e reflexões sobre arte, compartilhando a experiência da torre como laboratório poético em que transitam imagens e palavras em torno de diferentes práticas artísticas.

Sheila: A comemoração desse processo que envolve o Torreão me parece uma ótima oportunidade para discutir a existência de espaços não institucionais de promoção de experiências artísticas. Para mim, do Rio de Janeiro, que não conheço o Torreão, seria muito bom saber como foi a idéia da criação do espaço e de que maneira vocês pensam a relação, ou não-relação, com as instituições de arte, como galerias, museus, centros culturais, etc.

Jailton: Sobre a idéia de criação do espaço: em um primeiro momento, o Torreão deveria abrigar nossos espaços de ateliê e também as aulas de orientação em arte que eu desenvolvia em outra escola. Porém a própria arquitetura do local, um casarão dos anos 30 com uma pequena torre, sugeriu, desde o início, outras atuações. Convidar artistas para responder ao espaço dessa torre foi idéia que frisou um foco que se prolongaria para os outros campos de ação do local, isto é, as relações de arte com lugar. As orientações em arte também se foram ajustando e expandindo a partir desse foco. Por exemplo em 2002 iniciou-se um projeto de *workshops* chamado de Atelier Aberto que se constitui de uma série de viagens de trabalho com o grupo de alunos deslocando-se para diferentes tipos de paisagens a fim de exercitar propostas específicas. Nos deslocamos para trabalhar em lugares tão distintos como o pampa gaúcho e o salar de Uyuni, na Bolívia.

Stefan Sous. *Mapa turístico*, 2005. Foto: Jailton Moreira.

O Torreão nunca foi um projeto fechado, mas sim um processo. Tentar entender suas necessidades e dinâmica é o nosso desafio constante. Se, passado esses anos, o Torreão adquiriu certa consistência e coerência, elas nunca foram projetadas. É sempre a resposta de uma escuta prévia.

Elida: Sobre a relação, ou não-relação, com as instituições de arte: galerias? museus? centros culturais?... A criação do Torreão coincidiu com um momento em que conversávamos muito, eu e Jailton, sobre os espaços de arte da cidade, suas dinâmicas de trabalho, suas concepções acerca das formas de apresentação e/ou desenvolvimento de processos em arte contemporânea. Pensávamos nos tipos de identificação que porventura poderíamos ter com tais espaços. Em Porto Alegre, desde que começamos nossa formação no Instituto de Artes da UFRGS, galeria de arte era coisa rara, e mesmo hoje continuam sendo poucas. Os centros culturais foram-se estabelecendo lentamente, acompanhando, de certa forma, um movimento nacional, e todos eles ligados ao estado ou ao município. O Atelier Livre da Prefeitura já tinha certa tradição, que marcou a formação de muitos artistas aqui do Sul. A Casa de Cultura Mário Quintana, inaugurada no início dos anos 90, muito dinamizou as discussões em torno da arte contemporânea, com exposições importantes e a presença de artistas nacionais e estrangeiros, com a realização de seminários e palestras. Foi criado, aliás, o Museu de Arte Contemporânea do RGS, constituindo acervo, mas com condições muito precárias de conservação. A própria universidade, instituição de ensino por excelência, também com dinâmica de exposições em sua Pinacoteca, mantinha-se, na época e dentro de seus propósitos, como lugar de incentivo e aprimoramento da pesquisa em artes visuais, em seus diferentes níveis: graduação e pós-graduação. Então, se nos perguntávamos a respeito de nossas relações com esses espaços, tínhamos muito claro para nós que “a criação do Torreão nunca veio para concorrer e sim dialogar”. Não nos faltaram oportunidades de compartilhamento de projetos. Apenas para dar alguns exemplos: Dudi Mais Rosa foi o primeiro artista a aceitar o convite do Torreão, para realizar uma exposição individual na Galeria Xico Stockinger da Casa de Cultura Mário Quintana. Sempre denominamos essas participações “promoção conjunta” e assim as divulgamos até hoje. Eliane Chiron e Jean Lancré, artistas franceses, realizaram suas intervenções no Torreão como artistas visitantes do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes UFRGS. Muitos outros artistas nacionais, professores de universidades federais, vieram apoiados por suas instituições inserindo o trabalho realizado no Torreão como atividade de pesquisa, o que é sempre muito bom. Waltercio Caldas realizou seu trabalho no mesmo período de sua exposição individual (Livros) no Margs. Foi curioso, pois carinhosamente Waltercio considerava sua intervenção uma página. Seu trabalho intitulava-se *Frases sólidas*. Uma das definições mais concisas que temos do Torreão vem, aliás, de uma declaração de Waltercio durante a montagem de seu trabalho: “O torreão é um copo d’água quase cheio.” O Atelier Livre também manteve, durante certo período, a realização de promoções conjuntas durante o Festival de Arte da Cidade de Porto Alegre. Não podemos esquecer que essa instituição foi a que prestou homenagem a nosso aniversário de 10 anos, convidando-nos a realizar uma palestra sobre o Torreão em seu simpósio

anual. Ricardo Basbaum, por exemplo, é um desses artistas convidados pelo Atelier Livre, que realizou seu projeto no Torreão, convocando também seus alunos a participar. Essas promoções conjuntas foram e são sempre muito bem-vindas.

Vamos agora pontuar uma das instituições que mais prolongaram uma parceria conosco: Goethe-Institut de Porto Alegre. Juntos, criamos um programa de residência artística que já se realiza há 10 anos, continuamente. São 10 artistas alemães trazidos pelo Goethe, que permanecem um mês na cidade, com todas as condições para realizar seu trabalho na torre, exercitando a convivência com nossos alunos. Nesse mesmo projeto, o artista faz duas palestras, incluindo-se em nosso programa geral de atividades, que sempre propõe ao artista um espaço de conversa com o público. É preciso dizer que a maioria dos artistas que aceitaram o nosso convite para realizar intervenção no Torreão o fez assumindo todos os custos, pois não temos como oferecer mais do que o espaço, nossa hospitalidade e uma certa infra-estrutura de apoio à produção do trabalho (ajuda que muitas vezes vem dos próprios alunos do Torreão, com vontade de estreitar relações com o artista e seus modos de trabalhar). A dinâmica de trabalho do Torreão não depende de nenhuma instituição, mas acredita em suas proficuas interlocuções.

Malu: Para mim foi uma experiência importante trabalhar no Torreão. Um pequeno espaço imantado por sucessivas intervenções. Penso que a continuidade do Torreão ao longo de 15 anos é algo extraordinário. O que vocês acham de comemorar o aniversário “carioca” do Torreão?

Jailton: Nesses 15 anos estamos fazendo muitas comemorações, porém esse convite para um aniversário carioca tem sabor especial. Reafirma a idéia de interlocução dessa experiência. Foi um tempo de conversas e encontros com artistas e críticos de diferentes regiões. Do Rio de Janeiro, Arthur Barrio, Waltercio Caldas, Ricardo Basbaum e você fizeram trabalhos específicos para a torre. Também tiveram a oportunidade de vivenciar maior compreensão de todo o projeto, em que as intervenções são apenas um elemento conectado com toda uma dinâmica de pensamento e produção em arte.

Elida: Iniciamos o ano comemorando e estar com vocês no Rio, poder conversar sobre o trabalho, apresentar um pouco de nossas idéias, tudo isso está colado naquilo que acreditamos que o Torreão é: “lugar de conversa”. Por essa razão, estamos felizes em poder compartilhar com vocês nossa dinâmica de trabalho, nosso processo, enfim... ampliando justamente esse espaço de interlocução.

Mas o que estamos comemorando, é preciso dizer, não é apenas uma data redonda, e sim, algo que se faz durar em seu tempo de realização, sem planejamentos formais ou ambições institucionais. Simplesmente, nós conferimos valor a um estado de atenção constante às questões de arte contemporânea com as quais estamos envolvidos, e com pessoas que nos suscitam curiosidade e interesse, fazendo com que haja o desejo de estar perto. Como agora, com a situação criada pelo convite de vocês. Estar perto, eis tudo!

Ricardo: Elida, gostaria que você desenvolvesse mais a noção de “lugar de conversa” que mencionou como uma das principais características do Torreão.

Elida: Ricardo, às vezes estamos tão habituados a um certo vocabulário, que o utilizamos acreditando em uma escuta cúmplice... mas nem sempre nos fazemos claros na exposição de nossas idéias. Pois bem, conversa, aqui no contexto da história do Torreão, é tudo o que promove diálogo, não necessariamente apenas entre eu e Jailton. Os próprios espaços conversam entre si, no sentido em que as salas de ateliê se tornam laboratórios de leitura e escrita, os trabalhos produzidos especificamente para a torre ecoam na produção dos alunos, trazendo muitos elementos importantes para discussão. A partir de um determinado momento, acho que após os oito primeiros anos do Torreão, os alunos passaram a reivindicar salas para experimentar situações espaciais que correspondiam, de certa forma, às intervenções na torre que eles presenciavam cotidianamente. Três salas foram disponibilizadas para tal, sem se caracterizar como espaço de exposição, aberto ao público. Os alunos realizam seus projetos em tempo determinado, os trabalhos são discutidos com o grupo, provocando conversas. Por outro lado, as projeções de imagens comentadas por Jailton a cada final de aula acabam também produzindo a necessidade de ampliar o repertório de referências da história da arte que já temos, e, nesse caso, procuramos conversar com outros autores e artistas. No que se refere ao trabalho das intervenções artísticas na torre, cada vez que recebemos um artista convidado, o primeiro passo é sentar em volta da mesa, perguntar sobre a proposta, perceber o embate com o local, para que o projeto do artista encontre as ressonâncias desejáveis ao nosso, incluindo possíveis desafios ou desvios. Gosto de pensar o Torreão como um campo de pouso para as idéias, e a conversa, como consequência das fricções entre elas.

Conduru: Como vocês vêem a situação do Torreão entre as instituições de formação e experimentação em arte nesses 15 anos? Depois desse tempo e do reconhecimento local, regional, nacional e internacional, bem como diante do quadro das instituições de arte no Brasil, é possível falar do Torreão como espaço não institucional?

Jailton: Tem algo que ainda não foi colocado, que é o fato de o Torreão ser uma experiência absolutamente pessoal, isto é, suas demandas, ambições e seus movimentos estão totalmente ligados ao desenvolvimento de nossas poéticas de trabalhos e idéias do que poderia ser uma educação em arte. Se essas decisões, depois de um tempo, adquiriram coerência, visibilidade e reconhecimento isso foi consequência e nunca o objetivo. Creio que, às vezes, isso é confundido com certa institucionalização informal, mas acho que é um engano pensar assim. Não temos qualquer tipo de responsabilidade em manter ou negociar essa visibilidade e esse, dito, espaço institucional.

Ainda buscamos respostas à escuta que fazemos das nossas demandas processuais. Aceitar a idéia de institucionalização do Torreão seria aceitar a idéia de institucionalização do processo artístico. Por mais que, sem qualquer ingenuidade ou modéstia, reconheçamos

que essa experiência está definitivamente instaurada em um contexto, por mais que isso nos alegre e mesmo que busquemos entender e dialogar com esse espaço, ele não foi e não é o nosso centro.

Reafirmo o que Elida coloca sobre o Torreão como atitude afirmativa e não negativa em relação a um panorama. Tentamos dizer “sim” a algumas coisas. Muitas vezes essas afirmações estão em sincronia ou assincronia a um contexto. É tão complexo tentar dizer “sim”, que não há tempo nem paciência para tentar construir ou debater o “não”. Uma dessas afirmações é a ênfase nas discussões das relações de arte e lugar, o que acabou também definindo um lugar do Torreão na formação de artistas e na exibição dessas questões.

Se esse lugar for pensado como um espaço definido é fácil institucionalizá-lo. Porém sentimos como um campo de ações instável, cheio das incertezas que os processos artísticos e educacionais estão sempre a gerar.

Ricardo: Elida e Jailton, como vocês vêem a atuação junto ao Torreão enquanto indicadora da elaboração de outra ‘imagem’ do artista? Ou seja, além de vocês desenvolverem uma obra pessoal, autoral, o trabalho de agenciadores ou educadores ganha uma dimensão considerável na vida de cada um. Interesse-me em saber em que medida, para cada um de vocês, essas atuações se aproximam e se complementam ou mesmo entram em conflito e se movem para longe umas das outras (já que sempre é necessário traçar limites). Pois se há espaços diferenciados para o ‘artista’ e o ‘educador’, há também a riqueza da mistura dos papéis e o desenvolvimento de imagens diversas que se desviam do percurso único do ‘artista de carreira’, voltado majoritariamente para o circuito, para o mercado. Gostaria de um depoimento de vocês acerca dessa questão, uma vez que acredito que a importância de uma experiência como a do Torreão – que não deixa de ser ‘autoral’ – invariavelmente se relaciona com as buscas e as poéticas do trabalho de cada um.

Jailton: É curioso como essa questão foi reincidentemente colocada para mim em diálogos e entrevistas nestes últimos anos. Não é à toa, pois esse projeto é justamente a problematização e a resposta diária desse pseudo-impasse. Se falamos e defendemos a diluição das categorias da arte no contexto contemporâneo, muitas vezes mantemos uma posição hierárquica, ainda modernista, em relação à atuação do artista. Para eles, a obra como produto de expressão, inserção e visibilidade continua tendo posição privilegiada em relação a outras atividades, por exemplo, a educação em arte. Para mim, o Torreão é um projeto que destruiu a hierarquia com que eu costumava tratar minhas diversas atuações com a arte. De certa forma, a coisa é bem simples. Começa por tirarmos as aspas que isolam as palavras artista e educador, para quem arte é um processo/ferramenta de entendimento do mundo; existem muitos caminhos para essa abordagem, e nenhum é necessariamente melhor do que o outro. São apenas maneiras distintas de se aproximar do assunto. Com o Torreão, as atuações como artista, educador, curador e viajante se mesclaram. Acho um exagero pensar que esse trabalho pode indicar outra

imagem do artista. Tudo o que fizemos e fazemos não tem qualquer ambição de criar algum paradigma exemplar. São apenas duas pessoas conciliando seus diferentes interesses sem os compartimentar. Pensar numa poética nesses termos é tentar entender como o trânsito entre esses setores é encaminhado. É claro que complicaria bastante se a ambição fosse ter uma imagem facilmente apreensível e negociável, mas, se isso não é um desejo, esse problema, não existe.

Elida: Vocês bem podem imaginar o quanto a nossa noção de arte foi sendo lapidada nestes últimos anos. Digo lapidada no sentido de um movimento lento e cuidadoso em relação à compreensão de nossas próprias concepções de trabalho. É Haroldo de Campos que diz, em meio a suas Galáxias, que uma vontade polida é como um diamante. Então, confesso certa vaidade por esse tesouro que temos nas mãos: uma idéia que, ao ser mantida e realimentada, repensada e redimensionada inúmeras vezes ao longo do tempo, vem tornar-se pedra preciosa – algo que podemos chamar legitimamente de experiência, sem enrijecimento de conceitos ou definições entre uma atividade e outra. Foi com Jailton que aprendi a reposicionar-me em relação a supostas hierarquias, como, por exemplo, entre o contexto acadêmico e o universo mais amplo de uma pesquisa em artes visuais. Considero o Torreão meu laboratório de trabalho, onde desenvolvo pesquisas que estão, evidentemente, inscritas tanto no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UFRGS quanto no CNPq. Quero dizer com isso que não separo meus interlocutores e/ou alunos e meus colegas-professores de acordo com o lugar em que estão situados ou, como dizíamos antes, com uma determinada situação institucional. Gosto dessa proximidade. Tudo é uma espécie de ampliação de conteúdo e de discussões que nos interessa manter acesas. Tenho muito claro para mim que eu não poderia apenas atuar na universidade sem a trajetória artística que o Torreão me ajudou a construir. As datas coincidem: no mesmo ano em que o Torreão foi inaugurado ingressei como professora no IA. E ainda no mesmo ano iniciei um projeto que mantenho até hoje, intitulado Falas Inacabadas, cujo processo de trabalho artístico incorpora elementos decorrentes de associações inusitadas, seja entre tempo e memória, seja entre arte e palavra. O que me interessa é cultivar os entrecruzamentos possíveis e, ainda parafraseando Haroldo, tentar visualizar a arte lá no seu horizonte do provável.

Malu: Acho importante marcar a aproximação e o diálogo do ensino de arte na universidade com outros espaços. A ampliação de um território não só para alunos, mas também para artistas/professores. Gosto muito da imagem de um campo de pouso, do lugar que se diferencia ao acolher cada artista. Gostaria de saber um pouco sobre a questão do registro das intervenções feitas no Torreão. Como acontece? Como reverbera nas atividades de trabalho com os alunos ou delas se origina?

Jailton: Desde o início achamos que era importante registrar as intervenções por fotografia e vídeo. Isso hoje gerou um DVD duplo de 135 minutos, em que cada intervenção

tem registro de um minuto e meio. Também criamos para cada ano um portfólio fotográfico. Em 1996 participamos de um CD-ROM que disponibilizava farto material de nossos primeiros três anos de atividades. De 1998 até 2005 editamos um pequeno *folder* anual colecionável. Para compor esses textos, convidávamos uma pessoa do público, no dia da abertura, para escrever sobre o que estava vendo. Lançávamos na intervenção seguinte e, assim, mobilizamos pessoas das mais diferentes áreas no sentido de registrar suas impressões sobre essas experiências. Ainda em relação às intervenções, de 2003 até 2006, uma aluna do Torreão, Gabriela Motta, resolveu gravar longas entrevistas com os artistas que realizaram trabalhos por lá. Algumas foram transcritas, mas muitas ainda não. É um material precioso, que ainda pretendemos disponibilizar. Do projeto Atelier Aberto, fizemos sete documentários em vídeo. Porém muita coisa ficou sem registros, e muitos encontros com artistas e documentação dos processos de construção das intervenções tiveram documentação precária.

Esse material é constantemente visto, revisto e consultado pelos alunos e por qualquer interessado que nos visite para alguma pesquisa. Pela internet uma parte dessa documentação está disponível no site artewebbrasil.com.br.

Elida: Apenas para complementar, gostaria de dizer algo a respeito das opções que fazemos. Desde o início, alguns amigos nos incitavam, por exemplo, a gravar todas as conversas realizadas com os artistas ou intelectuais convidados para os encontros de discussão (que geralmente acontecem aos domingos, final de tarde). Nossa escolha foi registrar apenas em foto, quase como a assinatura de Van Eyck: “Eu estive aqui”... porque há algo de testemunho em cada uma de nossas atividades, algo que valoriza a presença, a palavra, a escuta, o diálogo. Todos os outros materiais citados pelo Jailton, álbuns de fotografias, vídeos, textos produzidos, site... tiveram a função, por um determinado tempo, de caderno de anotações, registros de experiências, mas é claro que a cada ano todo o material era organizado de maneira a compartilhar e, com isso, incrementar nossas trocas de experiências com aqueles que nos visitam.

Luiza: Estou entrando agora na conversa. De saída estou contente por incluir a EAV do Parque Lage na comemoração dos 15 anos do Torreão em especial quando a Escola está refletindo sobre sua própria história e seu lugar na formação em arte. Um diálogo com o Torreão enriquece esse processo. Certa constância, disposição e ousadia são necessárias para manter projetos de cultura em atividade por mais de uma década. O que teria sido mais determinante para que o Torreão se mantivesse em sintonia com a produção mais instigante da arte contemporânea?

Elida: Se há algo que o Torreão nos oferece desde seu início é este prazer do encontro e do diálogo. Talvez tenha sido esse um dos fatores que podemos chamar de determinantes no que concerne à continuidade de nosso trabalho. Uma das coisas que sempre mantivemos como princípio é nossa curiosidade diante de produções, independente de o artista ser re-

conhecido, jovem ou com percurso mais avançado em sua pesquisa artística. Nós dois, cada um em seu ritmo e em oportunidades diversas de interlocução, nos deparamos com proposições que nos atingem, que entram em nossa conversa, a ponto de quisermos ver em nosso espaço o embate do artista como uma experiência da relação arte/lugar. E, por incrível que pareça, nossa sintonia é tão fina, que muitas vezes, ao começar a dizer um nome, o outro já completa, dizendo: “*pois eu estava justamente pensando em convidar este artista!*” Isso no que concerne exclusivamente às intervenções na torre. Há mais, porém, para ser dito. Me parece que outro dado determinante em relação a nosso contato com o que há de instigante nas produções contemporâneas é nossa prática diária de aproximações e diálogos com a história da arte, como um todo: brasileira ou internacional. Não há como deixar de tecer essas conversas! Frequentamos exposições, participamos de juris, de curadorias, de residências artísticas, viagens, enfim... Há algo que nos mobiliza, que é o acesso à linguagem específica da arte, e insistimos em nos manter atualizados quanto ao que nela é acrescentado. Vamos a um exemplo do que quero apontar: Jailton mantém grupos no Torreão que frequentam as aulas semanalmente para desenvolver projetos individuais. A cada final de aula, ele organiza projeção de *slides* e filmes, nos proporcionando base de referências que possibilita olhar mais atento e crítico sobre o que é produzido hoje. Quando posso, me incluo como aluna. O que mantém essa nossa atividade é a inquietação e também o prazer que uma produção em arte contemporânea possa nos proporcionar.

Conduru: Elida, Jailton, Malu e Basbaum, em que medida a experiência no Torreão afetou seus trabalhos individuais como artistas, suas obras?

Jailton: Uma boa parte dessa resposta já está na resposta da questão anterior do Basbaum. Insisto na idéia da supressão da hierarquia do lugar que esta coisa chamada “meu trabalho” ocupava. O Torreão definitivamente redefine essa questão. Desloca a importância do objeto para ater-se a uma maneira de agir como cerne de uma poética. A produção plástica passa a ser uma das possibilidades de abordagem e não a única e privilegiada forma de expressão e reflexão artística.

Ricardo: O espaço do Torreão demanda de fato uma “intervenção” – e não uma “exposição”. Tenho três lembranças fortes, correspondentes aos principais momentos de contato com vocês: lembro de nosso primeiro encontro, em julho de 1996, quando estive em Porto Alegre com Eduardo Coimbra, para lançamento da revista *item-3*. Houve imediata convergência de interesses, e você nos convidou para conhecer o Torreão e participar de uma conversa e apresentação de *slides* de nossos trabalhos, junto com outros artistas – ocasião em que conheci o Jailton. Fiquei feliz pela troca estabelecida, pela generosidade e pelo acolhimento: o convite e a conversa se deram de modo direto, franco, interessado, sem formalidades – foi um momento significativo para mim. Nos anos seguintes, continuamos nossas conversas de maneira intermitente, mas com os canais de contato em aberto – eu estava envolvido com o espaço Agora/Capacete, e via o Torreão como uma ação próxima e afim, e isso trouxe mais elementos para nossas conversas. Quando realizamos (eu, Paulo Reis e Ricardo Resende) a

curadoria do Panorama 2001 (MAM-SP), o Torreão foi incluído na discussão acerca dos espaços autônomos agenciados por artistas – sem dúvida um momento de reconhecimento da relevância do projeto dentro do novo mapa do circuito de arte brasileiro. O convite de vocês para que eu realizasse uma intervenção se efetivou em julho de 2003, quando pude ir a Porto Alegre para ministrar uma oficina no Festival de Inverno. Gosto muito de desenvolver oficinas que tenham relação direta com alguns de meus projetos de trabalho (em afinidade com dinâmicas de grupo ou agenciamentos educativos, como vocês mencionaram). Então procurei articular a intervenção com a oficina, de modo que a torre fosse um dos pontos de referência do projeto, a partir de um desenho sobre o mapa de Porto Alegre. Construí a intervenção de maneira que uma das linhas do desenho passasse, naquele momento, pela torre – um dos ângulos do desenho foi ali materializado sob a forma de uma cortina, que o visitante tinha que atravessar ao entrar na sala.

Assim, o corpo era tocado pelos fios, gerando uma presença física do desenho, que seguia de modo ‘invisível’ pelo resto da cidade (e era interessante abrir as janelas da torre para ‘ver’ a continuação do desenho...). Foi a primeira realização efetiva de uma ação da série Re-projetando, gerando ótimo material em vídeo e o contato com alguns artistas, que se prolonga até hoje.

Malu: A intervenção que realizei no espaço do Torreão intitulou-se *Nota de rodapé*. No trabalho propus uma relação entre arquitetura e paisagem que tem sido retomada em obras recentes. Acho que o mais importante na experiência do Torreão foi sem dúvida ter meu trabalho desde a montagem – em sua proposição técnica, plástica e conceitual – como objeto de reflexão compartilhado por Jailton, Elida e por alunos e artistas. Isso inclui conversas, palestras, entrevistas e perguntas, muitas perguntas...

Elida: Retomando um pouco a história do início do Torreão, eu tive o privilégio de ser quem primeiro ocupou o espaço da torre com uma intervenção elaborada especificamente para aquele local. Na verdade, durante nossas combinações iniciais, eu e Jailton decidimos que eu realizaria um trabalho como forma de apontar uma possibilidade. Resistimos muito em chamar de “exposição”, e, desde então, o nome “intervenção” foi o que melhor assumiu o caráter dessa experiência em torno da relação arte/lugar. Meu trabalho teve por título *Golpe de asa*, com referência direta ao poema “Quase”, de Mario de Sá-Carneiro. Se vocês me permitem, transcrevo aqui os versos iniciais que impulsionaram o projeto:

Um pouco mais de sol – eu era brasa.
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...
(...)
Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim – quase a expansão...
Mas na minh’alma tudo se derrama...

Pois naquele momento, junho de 1993, recém-chegada de um período longo no exterior, o espaço me sugeria ventos, vôos, passagens. Muito mais que ar simplesmente, entrava pelas aberturas das janelas o vapor de uma espécie de sonho. *Golpe de asa* foi um trabalho que desejou derramar-se no espaço. Partiu dos altos ângulos do quarto, experimentou os vértices e a vertigem. Mas que espécie de quarto era esse, exilado dos demais aposentos da casa, nos altos, com três janelas em cada uma de suas quatro paredes? Espaço vazado, certo, onde uma pia, estrategicamente alojada em um dos cantos, encarregava-se de fazer escoar o que ficou entre o antes e o depois da viagem, um fim-começo que se materializou sob forma de *quase*. Para *Golpe de asa* escolhi o branco imaculado de lençóis para falar justamente de algumas manchas cotidianas: marcas de poucos, porém irreversíveis, gestos. O fio perigoso das coisas, o tênue contorno da ferrugem, a condensação de um tempo que passa em um vidro de conservas (conversas) de cozinha. Já contamos 15 anos dessa data, e o que identifico como marca da experiência é uma espécie de absorção desse todo derramado. O que tenho de individual engloba um conjunto de tantas outras vivências dentro do Torreão, e faço questão de manter como privilégio o espaço que criamos como aglutinador de sonhos, projetos e expansões. Desde então, percebo que meus projetos estão quase sempre colados ao espaço em que são apresentados. Gosto muito quando Jailton diz que meus objetos se *acomodam* e aí sim configuram o trabalho especificamente falando. Eu poderia dizer também que, de lá para cá, aprimorei contatos e interseções: tempo-espaço, arte-palavra, objeto cotidiano-criação artística... E ainda a literatura como fonte principal das idéias. E o que mais posso dizer? O Torreão, desde o início, é o meu ateliê no mais amplo sentido que essa palavra pode ter. Toda obra é consequência desse laboratório.

Elida Tessler é artista plástica e professora do DAV e PPGAV em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. É pesquisadora do CNPq. Foi fundadora em 1993 e coordena até a presente data, junto com Jailton Moreira, o Torreão, espaço de produção e pesquisa em arte contemporânea, em Porto Alegre. Em maio de 2000, lançou o livro *Falas Inacabadas*, junto com o poeta Manoel Ricardo de Lima (Porto Alegre, Tomo Editorial). Bolsista-residente em Civitella Ranieri Center, Itália, 2005, em RMIT South Project, Austrália, 2006 e Al-daba Arte/ 17, Instituto de Estudos Críticos, México, 2007. / elidatessler@uol.com.br

Jailton Moreira é artista plástico, professor e curador. Como artista participou de diversas exposições como a III e V Bienal do Mercosul, o Panorama da Arte Brasileira de 2001, 2003 e 2005 no MAM, SP. Criador do Torreão (1993), juntamente com Elida Tessler. Curador do Rumos Visuais do Itaú Cultural (1999/2003). Como professor ministrou cursos de história da arte e orientação de trabalhos em diversas cidades do Brasil. / jailtonm@brturbo.com.br